

**O LEITOR E A LEITURA LITERÁRIA SUBJETIVA: PROCESSOS RECEPTIVOS,
EMANCIPADOS E PERFORMÁTICOS**

**LESER UND DICHTERLESUNG SUBJEKTIVE: RESPONSIVE PROZESSE,
EMANZIPIERTE UND PERFORMATIVE**

Ana Rosa Gonçalves de Paula Guimarães¹

RESUMO: O objetivo deste estudo é o de apresentar os modos, pelos quais, o trabalho da leitura literária nasce por meio do olhar e da voz de um “outro” – o leitor, um sujeito agente no ato da leitura. Para isso, partiu-se dos principais elementos norteadores da teoria literária, acerca das possibilidades desencadeadas pela literatura e pela leitura, enquanto descoberta de um universo desconhecido. A fim de fundamental o trabalho sobre como o leitor desempenha um papel ativo e performático, foi recorrido à estética da recepção, tendo como referencial teórico, especialmente, Iser (1979a; 1979b) e Lima (1979). Foram elencados e discutidos alguns conceitos para com o diálogo entre texto e leitor, como, por exemplo, de “Campo de Jogo”, de “Vazios Textuais”, onde, ausências aparentes contidas no texto serão transformadas em presenças e de um novo produto final formado – resultante da leitura singular concretizada pelos efeitos causados em um “outro”. Posteriormente, algumas questões subjetivas foram trazidas, a fim de verificar como a interação do texto com o leitor, convida este, a um movimento introspectivo, de resgatar experiências anteriormente compreendidas e de um sujeito-leitor possuidor de desejos, identificações e expectativas.

PALAVRAS-CHAVE: leitor; leitura; recepção; subjetividade; emancipação.

ABSTRACT: The aim of this study is to present the ways by which the work of literary reading is born through the eyes and voice of an "other" - the reader, a subject agent in the act of reading. For this, it started with the main guiding elements of literary theory, of the possibilities unleashed by literature and reading, while the discovery of an unknown universe. In order to fundamental work on how the player plays an active and performative role, it was appealed to the aesthetics of reception, the theoretical reference, especially Iser (1979a; 1979b) and Lima (1979). They were listed and discussed some concepts for the dialogue between text and reader, such as, for example, the "playing field" of "textual empty" where apparent absence in the text will be converted into presences and a new final product formed - resulting from natural reading achieved by the effects of an "other". Later, some subjective questions were brought in order to see how the text of the interaction with the reader, calls on him to an introspective movement of rescue previously understood experience and a subject-reader possessor desires, identifications and expectations.

KEYWORDS: reader; reading; reception; subjectivity; emancipation.

¹ Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Franca (2009), licenciatura plena em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, pelo Centro Universitário de Franca (2011), especialista em Saúde Pública, pela Universidade de Franca (2011). Atualmente, é aluna do mestrado em Psicologia, com ênfase em Psicanálise e Cultura, pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: anarosa.psi@hotmail.com.

Sentimos muito bem que nossa sabedoria começa onde a do autor termina, e gostaríamos que ele nos desse respostas, quando tudo o que ele pode fazer é dar-nos desejos. Estes desejos, ele não pode despertar em nós senão fazendo-nos complementar a beleza suprema à qual o último esforço de sua arte lhe permitiu chegar (PROUST, 2003, p. 30).

SOBRE A LITERATURA E A LEITURA: UMA INTRODUÇÃO

Como um fenômeno notoriamente humano, a criação literária será sempre tão complexa, fascinante, misteriosa e essencial quanto à própria condição humana. No encontro com a literatura, ou com as artes em geral, os indivíduos têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida.

A linguagem literária é plural por essência e a obra literária é plurissignificativa, devido à natureza dos elementos e das relações que constituem a sua estrutura formal e semântica, isto é: a língua simbólica à qual pertencem as obras literárias é por estrutura uma língua plural, cujo código é constituído de tal modo que qualquer palavra (qualquer obra), por ele engendrada, possui significados múltiplos.

Silva (2006) destaca que, encontra-se a plurissignificação na linguagem literária, pois, é nela que o signo linguístico é portador de múltiplas dimensões semânticas, o qual tende a uma “multivalência” significativa, ao fugir do significado unívoco que é próprio das linguagens “monossignificativas” como o discurso lógico, da linguagem jurídica, por exemplo. Para o teórico, importa sublinhar que o polissignificado literário se constitui acerca dos valores literais e materiais dos signos linguísticos, ou seja, a linguagem literária conserva e transcende simultaneamente a literariedade das palavras.

São obras literárias, ainda de acordo com Silva (2006), aquelas em que o discurso cria imaginariamente a sua própria realidade, onde a palavra proporciona vida a um universo de ficção. Na obra literária, a sua verdade baseia-se na coerência e não na correspondência e, com isso, consiste em uma necessidade interna e não em algo verificável externamente. No entanto, cada resposta às preocupações de natureza literária dependerá sempre de uma opção ideológica, que é extraliterária. Como as escolhas são múltiplas e mudam continuamente, torna-se mais fácil a compreensão da quase impossibilidade de se chegar a uma definição clara e exclusiva do que seja literatura, visto que jamais se conseguiu definir a vida de modo integral e definitivo.

Conforme as contribuições de Candido (2011), ele defende a ideia de que a literatura é um dos direitos fundamentais do ser humano, exatamente porque, revela e depois “atua” sobre o homem, por meio de uma força “humanizadora”, da qual todos deveriam ser abrigados. Ao confirmar no homem a sua humanidade, a literatura exerce aquilo que, faz próprio ao ser humano,

como: a reflexão, a relação com o outro, o sentido de beleza, a percepção quanto à complexidade do mundo e a busca por verdades.

Nesse sentido, a leitura constitui-se como um processo de descoberta de um universo desconhecido, devido ao fato de que, segundo Martins (1992, p.23): “Ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de ‘ler pelos olhos de outrem’”. Assim, aprender a ler significa, também, especular a leitura do mundo, dar sentido a ele e a cada um de nós. A leitura se realiza por meio do diálogo do leitor com o objeto lido e, a literatura seria a ponte para o processo educacional eficiente, ao possibilitar a formação integral do indivíduo. Logo, a leitura, atualmente, segundo a autora (1992), aponta para o fato de que, gradativamente, os pesquisadores da linguagem, como, por exemplo, Frank Smith considera-a como um processo, cujo qual, o leitor participa, não dependendo basicamente de sua capacidade para decifrar sinais, mas, amplia-se, na medida em que o leitor deva produzir sentido a eles, isto é, compreendê-los.

A leitura de uma narrativa literária, para Machado (2002), ultrapassa a dimensão de juntar letras, formar sílabas, compor frases e decodificar significados, porque é um transporte para outro universo, em que o leitor deixa-se transformar e identificar em uma parte da vida de um “outro” e, ao mesmo tempo, passa a ser alguém que ele não é no cotidiano. Segundo os conceitos tradicionais de Aristóteles (2007) sobre a arte, ele descreve que a literatura deveria propor a reflexão, o incômodo, o estranhamento, por meio da imitação da essência. Contudo, esta arte não seria inspirada apenas na imitação, ela é a recriação, a representação do real, a qual, por meio da verossimilhança, por verdades gerais e pelo discurso poético, que, através das palavras plurissignificadas, arranjadas e estruturadas, ocasionariam no leitor, o prazer e a necessidade pela busca do conhecimento e, principalmente pelo autoconhecimento.

Entende-se o texto literário como possuidor da matéria-prima a linguagem, a palavra, como formas de representação e, descreve como obras clássicas aquelas, as quais se imortalizam pelo caráter atemporal, pelo arranjo e pela maneira de como o discurso foi pensado e organizado. Calvino (2000) aponta que os livros clássicos falam de temas atuais, pois o futuro e o presente fundamentam-se no passado. Também, são obras onde toda releitura é sentida como se fosse a primeira leitura, porque os fatos revelam-se novos, inesperados e inéditos.

Machado (2002) assinala também, que o gosto pela leitura compõe-se como um alimento para o espírito. Da mesma forma, que não se obriga alguém a alimentar-se por determinada comida, mesmo ela estando saborosa, assim deve ser com a leitura. A leitura dos clássicos, portanto, não deve ser forçada, mas, precisa-se criar o gosto pelo ato de ler, em especial, a partir da infância ou da adolescência, mesmo sendo a obra adaptada, pode tornar-se atraente a este público. Sendo assim, Proust (2003, p. 9) destaca: “Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão

plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro”. Os livros lidos nestes períodos da vida costumam fazer parte indissociável do artefato cultural e afetivo do leitor, que incorporou ao longo da vida, o que, mais tarde, estas experiências, anteriormente efetivadas poderão compor um leitor maduro.

Se o leitor travar conhecimento com um bom número de narrativas clássicas desde pequeno, esses eventuais encontros com nossos mestres de língua portuguesa terão boas probabilidades de vir a acontecer quase naturalmente depois, no final da adolescência. E podem ser grandemente ajudados na escola, por um bom professor que traga para sua classe trechos escolhidos de suas leituras clássicas preferidas, das quais seja capaz de falar com entusiasmo e paixão. (MACHADO, 2002, p.13).

A autora (2002) enfatiza que o professor e a escola têm um papel fundamental para a formação do leitor, tanto para o bem, quanto para o mal, porque a leitura na sala de aula, normalmente, assume o caráter de obrigatoriedade, de avaliação e, com isso, faz do livro um objeto de repulsa. No entanto, por outro lado, se abordado de forma prazerosa com conhecimento, o docente pode despertar no jovem leitor adoração pelos livros. Martins (1992), a partir disso, enfatiza a ligação afetiva estabelecida entre o objeto - o livro e o leitor.

Contudo, ainda há no ensino, a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, e, esquece-se do *porquê, como e para quê* de determinada leitura, impossibilitando aos discentes compreenderem verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade. Em seus estudos, Martins (1992, p.12), traz Paulo Freire: “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Assim, seguindo este raciocínio, Ranciére (2010), teórico da estética da recepção, estabelece o conceito de “mestre ignorante”, o qual afirma que um ignorante pode ensinar a outro ignorante aquilo que ele próprio não tem conhecimento, ao anunciar a coincidência das inteligências e ao opor a emancipação intelectual à instrução do povo.

O ensino de literatura, atualmente, segundo Chiappini (2005), sob o prisma teórico, recebe influência das teorias da recepção, onde o leitor tem um papel ativo no processo de leitura, ao trabalhar a linguagem do texto. Este não está dado, mas exige a “reflexão sobre a experiência” e a “experiência da reflexão”, visto que os leitores participam deste trabalho. Os teóricos formalistas e estruturalistas acreditavam poder identificar os fatores determinantes da literariedade; os pós-estruturalistas e as suas diferentes corrente teóricas colocaram no eixo a figura do leitor e do diálogo intertextual, a fim de problematizar a autonomia da obra literária, do discurso literário quanto a sua especificidade, procurando estabelecer os processos sociais e institucionais. Muitas vezes, os pós-

estruturalistas, também totalizam o campo do leitor, propondo a leitura, à deriva e concebendo a produção de sentido como ato individual e até arbitrário.

A constituição subjetiva advinda da experiência do texto literário tem a perspectiva adotada como conhecimento formador, deformador e transformador. A leitura pode ser considerada como viagem, rumo ao desconhecido, visto que têm perigos, como também, gratas surpresas. É utópico imaginar a leitura como algo que possa ser “objetivável”, porque diversos leitores chegariam a se projetar, devido ao fato, de que, o texto literário não é independente da subjetividade daqueles que o lê.

O PROCESSO DE RECEPÇÃO E DE EMANCIPAÇÃO DO LEITOR

O processo de comunicação entre o autor, o texto e o leitor estão interconectados em uma relação a ser realizada acerca de algo que inexistia. Tal concepção, contudo, conflita com a noção tradicional de representação, visto que a *mimesis*, destaca um referencial a uma realidade “pré-dada”, onde almeja ser representada. Assim, no sentido de Aristóteles, a função de representação é dupla, pois, toma-se perceptível as formas constitutivas da natureza e ao contemplá-la, deixa-a incompleta. A partir disso, embora a importância da *mimesis* não seja restrita à mera imitação, em nenhum dos dois casos, os processos de elucidação e de complementação exigem uma atividade ativa e performática, porque, as ausências aparentes contidas no texto serão transformadas em presenças (ISER, 1979a; 1979b).

Com isso, as disposições produzidas, a fim de privilegiar o aspecto performático da correspondência entre autor, texto e leitor, advêm desde o mundo moderno, cujo qual, o objeto de representação, a princípio, estaria dado. A partir deste cenário, um novo material a ser modelado por meio da atividade comandada pelo texto, pela leitura e pelo processamento do texto ao efeito sobre o leitor e, assim, produzindo a interação. Iser (1979a) destaca, portanto, que este novo produto, não é determinado pelos traços, estruturas e funções do material referido e contido no texto, mas, é devido à percepção e efeitos sobre o outro, que são imprescindíveis.

O papel desempenhado pelo leitor permite sua ação sobre a leitura do texto e, tal fato trata-se da inauguração proposta pela estética da recepção, em que, considera-se, inicialmente, este mesmo leitor como o centro da recepção, circunstância esta, que implica a deixar de lado a reorientação teórica dos estudos da literatura, a qual, o movimento teria operado ou poderá vir a operar. De acordo com os apontamentos de Lima (1979), a estética da recepção se destaca pelo realce oferecido ao leitor, o qual implica no abandono de fixação das interpretações corretas, para, em troca, reconstituírem-se as condições histórico-sociais que permeiam as diferentes formações de sentido, acerca de determinado texto.

A relação entre autor, texto e leitor contém amplos elementos extratextuais, que entram no processo, no entanto, Iser (1979b) afirma não serem apenas componentes materiais do que sucede no texto e não representados um a um. O texto é resultante do ato intencional pelo qual, um autor se refere e intervém em um mundo existente, que, contudo, visa a algo ainda não acessível à consciência. Portanto, o texto é um campo de jogo, de modo a estimular a imaginação do leitor, para, posteriormente, interpretá-lo e, com isso, a tarefa de visualizar as diversas formas possíveis do mundo identificável, o universo repetido no texto começa a transformar-se. Conseqüentemente, o jogo encenado do texto não se desdobra, assim como em um espetáculo, no qual, o leitor é meramente um observador, mas, pelo contrário, o processo da leitura seria um acontecimento para o leitor, propiciando-lhe envolvimento direto no devir dos acontecimentos e na encenação. A respeito da recepção de outro pensamento, advindo do autor e de seu texto, mas, à espera do desfrute intelectual do leitor, Proust (2003, p. 27) afirma:

A leitura, ao contrário da conversação, consistindo para cada um de nós em receber a comunicação de um outro pensamento, mas permanecendo sozinho, isto é, continuando a desfrutar do poder intelectual que se tem na solidão e que a conversação dissipa imediatamente, continuando a poder ser inspirado, a permanecer em pleno trabalho fecundo do espírito sobre si mesmo.

Ainda, a leitura propiciada por meio do jogo textual, para Iser (1979b) pode ser desempenhado individualmente por cada leitor, uma vez que ao realizá-lo, é produzido um suplemento singular, considerado o significado do texto. O significado, enquanto adicional ao texto, prende-se ao desenrolar contínuo de transformação, sem jamais ser autêntico por ele. Sendo assim, se houvesse choque entre autor, leitor e texto, o jogo se romperia. Ele pode ser concedido como ter a ausência como a presença, pois este jogo converte-se como sendo próprio à constituição e entendimento humanos.

O equilíbrio quanto aos vazios textuais, apenas poderá ser alcançado, diante do seu preenchimento, porque, a lacuna constitutiva é constantemente ocupada por projeções. Através dos vazios do texto e das negações nele contidas, a atividade de composição derivada da assimetria entre o texto e o leitor e, assume uma construção determinada, cujo controle é o processo de interação (ISER, 1979a).

O texto, com isso, acarreta uma pluralidade de representações ao leitor, fazendo com que, através da assimetria, comece a ceder espaço ao campo comum de uma situação. O leitor, contudo, nunca extrairá do texto a certeza explícita de que a sua compreensão é a correta e total, uma vez que o texto literário não é previsível. O leitor, neste sentido, irá procurar por planos de conduta, isto é, pelas estratégias estéticas, intencionalidade e filosofias de pensamentos oriundas do autor,

bem como caberá ao leitor, construir estes elementos, através do fazer contato com o texto literário e com os significados do mesmo, a fim de perceber a hermenêutica possível ao campo da obra. A partir disso, Proust (2003, p.42) ressalta: “[...] a leitura é uma amizade. Mas, ao menos é uma amizade sincera, e o fato de dirigir-se a um morto, a um ausente, lhe dá qualquer coisa de desinteressada, quase tocante. Além do mais é uma amizade desembaraçada de tudo o que faz a feiúra das outras”.

A relação interativa no mundo social deriva da contingência dos planos de conduta, da contradição de experimentar-se com a vivência alheia, e não da situação comum ou das convenções que reúnem os parceiros. Pertencerá ao leitor, deste modo, o preenchimento de vazios do texto, através da sua imaginação, sendo que, há o objeto intencionalidade pelo autor, que, entretanto, não foi dito. As possibilidades interpretativas do texto preparam o leitor a desempenhar seu papel, a qual requer um leitor ativo, possuidor de experiências, compreensões e conhecimentos prévios, a fim de fazê-lo pensar e refletir acerca do que foi dito, ocasionando a ligação entre a estrutura (textual) e o sujeito (o leitor).

Todavia, Lima (1979), aponta que a comunicação entre o leitor e o texto fracassará quando as projeções se colocarem independentes do texto, ou seja, quando forem lançadas, que serão pela própria fantasia ou expectativas estereotipadas do leitor. Ao contrário, a comunicação terá êxito, quando depende do texto, que forçará o leitor á mudanças de suas “representações projetivas” habituais. A existência de lacunas está presente em qualquer tipo de relação humana e, assim, do mesmo modo, em qualquer texto, no qual permite uma escala diferenciadora. A estrutura do texto, porém, apresenta uma função reguladora da leitura, o que implicitamente, oferece critérios de distinção entre a pura recepção projetiva e a leitura constitutiva de um sentido apropriado.

Na interação a dois – leitor e texto, em cada mudança de parceiro é impossível distinguir como está sendo recebido pelo outro, pois haverá um hiato onde sempre corre cada passagem da interação, que obriga à prática cotidiana da interpretação. A interpretação, portanto, envolve espaços contidos no campo que se forma entre a afirmação de um e a réplica do outro, entre pergunta e resposta. Com isso, Lima (1979, p. 50), enfatiza um apontamento de Laing: "Tua experiência de mim é invisível a mim e minha experiência de ti é invisível a ti".

À medida que um texto se refina, a trama de seu objeto, ou seja, a multiplicação das visões e possibilidades esquematizadas que o objeto do texto projeta, será maior a amplitude à indeterminação. Tal indefinição pode, no ato de concretização, ter um destino negativo para a organização de certas qualidades estéticas relevantes, para o preenchimento de vazios no texto e, até mesmo, impede a constituição destas qualidades ou dirige às construções de qualidade dissonante com as demais valências estéticas.

Assim, para Ingarden, as categorias de empatia e da “emotive theory” motivam a conexão entre texto e leitor, cujo desenvolvimento coincide com a produção do objeto estético como uma formação harmoniosa. Neste processo, os pontos de indeterminação ocupam uma posição subordinada, pois não são eles, mas a emoção original que põem a concretização sem movimento. Os pontos de indeterminação, ao contrário, aí se encontram para ser preenchidos ou completados. Contudo, mesmo esta atividade modesta, realizada na leitura, tem limitações estritas, pois: “A consideração da possibilidade de constituir a qualidade esteticamente válida conduz à necessidade de uma maior restrição dos limites de variabilidade dos preenchimentos artisticamente admissíveis dos pontos de indeterminação particulares” (ISER, 1979a, p. 97).

Através da experiência estética, origina-se certa desordem no leitor, a qual desencadeia o primórdio de uma atividade constitutiva, que, por um lado, se acalma pela produção do objeto estético. Iser (1979a, p. 97) compara a vivência da leitura à da fome, onde, ambas possuem uma emoção original, precipitadas pelo dinamismo interno da satisfação, isto é: “aparece quando e somente quando já fomos excitados por uma qualidade, mas ainda não conseguimos contemplá-la na experiência intuitiva direta, que nos poderia assim com ela embriagar”. Nesta situação de insatisfação, exemplificada através da fome, pode-se ver-se se quiser, pois, há um elemento de descontentamento, visto que esta emoção não é a causa do desagrado, mas, a inquietude interna que consiste a característica da emoção original, como a primeira fase da experiência estética. Logo, por isso, é uma emoção original, pois, os elementos nele presentes, quanto à formação de seu correlato intencional é o objeto estético.

O conhecimento causado durante a experiência estética sempre abrangerá um caráter misto, devido ao fato de que, mesmo o leitor abrindo horizontes de expectativas antes imprevisíveis, ele não se eleva a condição de uma articulação dos conceitos, mas tenderá a retomar à condição de hábito mental. Mesmo que a experiência estética capacite o leitor a uma constante renovação e o torne suscetível à alteridade, tal prática não pode ser confundida como uma espécie de revolução permanente. Assim: “Parece que o gosto pelos livros cresce com a inteligência, um pouco abaixo dela, mas no mesmo tronco, como toda paixão se faz acompanhar de uma predileção pelo que cerca seu objeto” (PROUST, 2003, p. 39).

Mesmo quando o personagem é arquitetado como sendo capaz de simular a realidade, esta não é um fim em si mesmo, mas um signo. A realidade empregada simula-se como signo e, não se esgota na vontade puramente descritiva da realidade conhecida. Iser (1979a) a partir disso, destaca que o texto ficcional iguala-se ao mundo, uma vez que projeta um universo concorrente, mas, contudo, difere das ideias já existentes do mundo, por não entender os conceitos válidos da

realidade. Com isso, o texto ficcional adquire o papel, não de comparação com a nociva realidade, mas, seria mediado pela realidade que se organiza por ela.

Ranciére (2005) aponta para duas possibilidades desencadeadas por meio da revolução estética, sendo elas: a indefinição das fronteiras entre a razão dos fatos e a razão da ficção e, o novo modo da ciência histórica. Com isso, o autor destaca que o princípio da poesia, da literatura de forma geral, não é a ficção, mas um determinado arranjo de signos contidos na linguagem. A soberania estética da literatura não estaria na condição da ficção, porém, estaria em um regime de indistinção entre a razão das ordenações descritivas e narrativas da ficção; das ordenações descritivas e interpretação dos fenômenos do mundo histórico e social.

Ainda, para o autor (2005), o real necessita ser “ficcionalizado” para ser pensado, pois, a arte constrói “ficções”, ou seja, a arte realiza rearranjos materiais dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o que se faz e o que se pode fazer. Desse modo, a “partilha do sensível” seria a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas, bem como a configuração de um lugar bom, onde o partilhar o universo sensível, do é feito, dito e visto, ajustam-se perfeitamente.

O LEITOR, A LEITURA E OS PROCESSOS SUBJETIVOS

A subjetividade pode ser considerada como um universo íntimo do indivíduo, cujo qual, instala, por exemplo, suas opiniões, pensamentos e sentimentos (internos) com algo que ele relaciona advindo do mundo externo. Tais marcas singulares formam no indivíduo a construção de suas crenças e valores, compartilhados na dimensão cultural, que irão formar a experiência histórica e coletiva dos grupos e populações. Etimologicamente, a palavra subjetividade vem do latim, *subjectivus*: *subicere* significa “colocar sob”, já *jacere*, denota a ideia de “atirar, jogar, lançar”.

De fato, as subjetividades norteiam o ato de ler, porque é um dos meios, pelos quais o sujeito constrói os significados do texto está intimamente relacionado ao seu universo interno, que carrega experiências, expectativas e vivências singulares, que são mobilizadas no momento da leitura. A leitura do texto literário não exige apenas a inteligência, mas, principalmente, demanda a sensibilidade do leitor. Na tentativa de interação com o texto, na necessidade de completar os vazios, o leitor é condicionado a um movimento introspectivo, rumo à busca por sentidos e, neste diálogo com os significados embutidos no texto, alguns sentidos podem ser gerados pelo leitor. Pode-se dizer que, a leitura se tornará significativa quando a obra composta pelo autor estabelecer relações com o sujeito-leitor.

A partir disso, a escrita é um desdobramento do poder de nomear e, enquanto fundamento da linguagem, Heidegger, a chamou de “poder adâmico”, pois é uma alusão à narrativa mítica da

criação, onde, no Gênese bíblico, Javé traz os seres criados, os animais da terra e as aves do céu ao primeiro homem, Adão, para que lhes desse nome (MENESES 2011), Portanto, além de nomear seres e animais, os escritores apresentam nome às emoções, que de outra maneira ficariam sempre indizíveis, vivências humanas de alto tônus muscular emocional, que ganham possibilidade de expressão, de comunicação. Há sentimentos sutis e contraditórios, que apenas na literatura encontrariam acolhimento e poderiam ser formulados. Contudo, não significa que a palavra poética formule coisas necessariamente racionais, lógicas, cartesianas, pois, a realidade é contraditória, paradoxal, as coisas não se regem pelo princípio de identidade, pela lógica da não-contradição.

Dessa forma, como o artista tenta nomear o inominado e abrigar os paradoxos da existência, põe junto, às vezes, dois termos, duas realidades que se opõem violentamente, e dessa oposição tira uma chama de revelação. Nazar (2009), também destaca a busca do inominável pertencente ao indivíduo, por meio da leitura, na qual, em um trabalho reflexivo sobre o vazio, surge à inspiração do sujeito.

Percebe-se que a arte e a vida têm o mesmo conteúdo, uma vez que a arte recompõe-se justamente à vida. A literatura, plural por excelência, contém todos os outros discursos, do político ao filosófico, passando pelo psicanalítico ao histórico e revela um saber sobre o indivíduo que as outras ciências levaram muito tempo para tentar descobrir ou teorizar.

Para Nazar (2009) o escritor diferencia-se da fala, embora esta lhe abra caminho, liberando os efeitos da linguagem, pois a mesma linguagem está circundada em toda a vida do indivíduo. O ato de escrever/ler desenvolve no sujeito a liberdade de levantar aos véus do pudor. No entanto, existe um descompasso entre o escrito e o ato; entre a aparência do que está escrito e o que é colocado em ação por aquele que escreve e por aquele que lê. Escrever e/ou ler são atividades que convocam a fantasia – ou seja, não se podem ocorrer sem que a ilusão opere fornecendo os elementos que sustentam o sujeito na relação com o inconsciente.

No entanto, é preciso reconhecer a evidência de uma função majoritária da literatura: além da percepção de marcas de todos na superfície do texto, tal perspectiva é necessária à passagem da primeira leitura – dirigida pela curiosidade, traços de identificação, íntimos, negações, desejos inconfessáveis, dirigida para o distanciamento crítico, embutido de outros saberes, como meio de praticar o diálogo com o objeto enfocado, instaurando, paralelamente à visão pessoal e lacunar, a imaginária pluralidade de sentidos da invenção literária. No momento da leitura, o leitor carrega consigo, um repertório de ordem social, cultural e histórica e, portanto, a interpretação de determinado texto será efetuada, devido ao diálogo com esta bagagem do leitor com o texto (ISER, 1979a, 1979b).

A leitura tem o valor inestimável de inventar outro lugar, ponto de inserção e, também, de marca, de lacunas encontradas na existência dos sujeitos. Meneses (2011) destaca que a escrita visa à estratégia de imortalizar a experiência do homem em sua vida e para além dela, e transmitir às gerações ulteriores o sentido maior da civilização que é a ultrapassagem do ato de sobreviver para o ato de pensar: entre a ação e a reação, uma palavra se encaixa estabelecendo os limites entre um homem e seu semelhante. Esta linguagem lapidada nos discursos oferta ao homem sua singularidade. De fato, a literatura possibilita a expressão simbólica de percepções, afetos, sentimentos não formulados e confusamente vivenciados, ela também faculta a tradução de um universo desarticulado em palavra (poética), fornecendo acesso ao mundo simbólico.

Portanto, o desejo no leitor, segundo Passos (2011), se instaura de modo variado, seja pela inserção de elementos da obra em sua vida, seja pela magia provocada pelo manejo da linguagem trabalhada pelo autor, que, produz uma rede complexa, prende e excita o desejo da leitura. Se no desejo do autor está o leitor, este se espelha, muitas vezes, naquele, isto é, no ato da leitura e no espaço em que ambos se encontram. Assim, o papel do leitor ultrapassa a de alguém que meramente lê, ele observa, pontua e tece reflexões acerca do que possa vir a visualizar e imaginar.

Há uma ciranda envolvida acerca da leitura e das associações entre o autor, a obra e o leitor, posto que, seja ele um desconhecido ou que seja o próprio autor em outra posição, há o olhar de um terceiro – o do leitor, que se coloca a relembrar e a reelaborar as suas próprias leituras e vivências anteriores. O trabalho de leitura renasce no olhar e na voz de um “outro” e, então, este novo sujeito é consignado à obra e traz seu valor social. Nesse sentido, o leitor diante do texto literário é um agente, capaz de interagir, reinventar ou até mesmo acrescentar fatos, porque, entende que há no ato de ler é uma vivência subjetiva, dotada de reflexões e posicionamentos.

Willemart (1997) constata que o leitor, ao abrir o livro, começa uma espécie de corrida, a qual ele persegue à sua maneira e o prazer propiciado pela leitura decorre do jogo entre o significado e o significante. De tal modo, o autor (1997, p. 26) faz referências à palavra e as suas implicações:

A palavra, ouro do poeta, situa-se no país dos deuses, o paraíso. Transformando essa palavra em ferro, isto é, transformando-a no seu primeiro elemento, o grito, o poeta se encontra nos deuses da morte. Deuses da morte, inferno, sofrimento, lugar dos gritos. A palavra nasceu do grito que nasceu da dor. Parto doloroso da palavra, onde Freud e Bauderlaire se encontram. Assim estaria resolvida teoricamente a oposição aparente entre a palavra que dá prazer e o grito nascido na dor. Seriam duas etapas que salientam que o sofrimento estaria na base da palavra, no seu elemento primordial que não é o fonema, mas o grito. A fase onde a criança emite fonemas nas pulsões seria uma etapa intermediária, miticamente pelo menos, isto é, não necessariamente audível, mas didaticamente compreensível entre os gritos e a estrutura da fala que integra os significantes da língua, imitada dos pais (WILLEMART, 1997, p. 26)

Sendo assim, a palavra no contexto literário, portanto, se apresenta com toda a sua potência criadora de uma nova subjetividade: a linguagem que é palavra poética e não apenas condução de comunicação de ideias de transmissão de um conhecimento já dado. Tal palavra não é mais descritiva e acessória, visto tornar-se literatura, espaço de criação de sentidos e de realidades. Para Kon (2011), é vinculado ao escritor, à criação, o processo de inventividade e de desvendamento, sendo que, a linguagem poética, quando se oferece plena, pode reescrever a experiência de cada história particular.

No texto literário, conforme os apontamentos de Passos (2011) são colocados em cena as possibilidades da identificação do sujeito com determinada personagem, por exemplo, e, o efeito pode advir sob a forma de riso, vergonha, dor, isto, por meio de prazeres e de desprazeres perpassa o campo da leitura. O prazer estético da identificação possibilita que o leitor participe de experiências alheias, sem que sofra na mesma intensidade. Para a psicanálise, o texto literário pode instigar conteúdos recalçados no inconsciente, assim como questões relacionadas ao desejo. Com isso, para a autora (2011), o valor da leitura emerge quando ocasiona o estranhamento, as dúvidas e abre possibilidades.

A mente pode ser concebida como um sistema de equilíbrio, que estabelece de forma delicada e em contínuo desenvolvimento. Diante de cada situação nova, esse equilíbrio, é de certo modo perturbado. O novo espaço de equilíbrio é readquirido através dos impulsos com os quais, reage-se à perda. Assim, todos os processos de organização desses impulsos são, às vezes, divergentes, pois, tal organização implicará necessariamente em sacrifício. A melhor organização será a menos danosa para as possibilidades humanas. De acordo com Meneses (2011, p. 26), este estudo compreende o núcleo fundamental da “Teoria do Valor”, proposta por de Richards, onde, este, aponta: “Os estados de mente mais valiosos são os que envolvem a mais larga e compreensiva coordenação de atividades e menos redução, conflito, estado de completa destruição e restrição”. Sendo assim, a organização da experiência é, pois, a coordenação e equilíbrio de impulsos e estímulos do sistema nervoso, uma vez que, quanto mais organizada a experiência, mais se atinge uma forma plena de vida.

Para uma experiência plena, decorrente da leitura literária, esta se caracterizará pelo acolhimento, pelo entendimento e pela ignorância, opondo-se algumas formas de apreensão que partem da interpretação, da compreensão, da inteligência e da automatização do texto. Nestes termos, torna-se possível pensar a ligação entre a experiência literária e os paradoxos da linguagem, já que, dada a potência transgressiva da literatura, a subjetividade é levada a se constituir e perecer ao mesmo tempo. Com isso, Martins (1992, p. 10) destaca: “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse tempo de globalização neoliberal, alargada constantemente em tecnologia de ponta, a qualidade total, a produtividade e a eficiência máximas, a literatura surpreendentemente ainda continua a ser praticada e consumida, em moldes e em escala nada inferiores aos de períodos precedentes. Segundo Moisés (2007, p. 12): “a velha arte de Homero e Vergílio continua, no terceiro milênio, a ter presença marcante na vida de grande número de pessoas”.

A leitura do texto literário, portanto, “nos ensina a ver como se víssemos pela primeira vez”, abstraindo-se o fato do que já foi visto com um novo olhar. Sendo assim, a literatura não espera e não aceita que conhecimentos se acumulem para formar um *todo* homogêneo e coeso; para a literatura, esse *todo* não passa de miragem ou impostura. A literatura ensina que o todo não é a soma das partes; é, antes, cada edifício contido em cada tijolo.

Assim, para saber do outro, é necessário sair de si, a fim de captar a objetiva individualidade alheia; para saber de si, é preciso afastar-se da subjetividade e converter a consciência em olhar neutro, real ou simulado, capaz de apreender-se como objeto e, umas das formas para realiza tais finalidades fazem-se por meio da leitura do texto literário.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Arte Poética*. Trad. P. Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CANDIDO, A. A literatura e a vida social. In: *Literatura e sociedade: estudos de teoria literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CHIAPPINI, L. *Reinvenção da catedral: língua, literatura, comunicação – novas tecnologias e políticas de ensino*. São Paulo: Cortez, 2005.
- ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coord. e Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979a.
- ISER, W. O jogo do texto. In: JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coord. e Trad. Luiz Costa Lima. 2 ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979b.
- LIMA, L. C. O leitor demanda (d)a literatura. In: JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coord. e Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MACHADO, A. M. *Como e por que ler os clássicos desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MARTINS, M. H. *O que é leitura?* São Paulo: Brasiliense, 1992.

MENESES, A. B. A Palavra Poética: Experiência Formante. In: PASSOS, C. R. P.; ROSENBAUM, Y. (Org.). *Escritas do Desejo: Crítica Literária e Psicanálise*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

MOISÉS, C. F. *Poesia e utopia: sobre a função social da poesia e do poeta*. São Paulo: Escrituras Editora, 2007.

NAZAR, T. P. *O sujeito e seu texto – psicanálise, arte, filosofia*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2009.

KON, N. K. Psicanálise e Literatura: Ambiguidades e Confluências. In: PASSOS, C. R. P.; ROSENBAUM, Y. (Org.). *Escritas do Desejo: Crítica Literária e Psicanálise*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

PASSOS, C. R. P. O Desejo e a Criação Literária (Relações: autor/texto, texto/leitor) In: PASSOS, C. R. P.; ROSENBAUM, Y. (Org.). *Escritas do Desejo: Crítica Literária e Psicanálise*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

PROUST, M. *Sobre a Leitura*. Trad. Carlos Vogt. Campinas, SP: Pontes, 2003.

RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. Mônica Costa Neto. São Paulo: EXO experimental org., Ed 34, 2005.

RANCIÈRE, J. *O espectador emancipado*. Trad. José Miranda Justo. Portugal: Orfeu Negro, 2010.

SILVA, V. M. A. *Teoria da Literatura*. 8 ed. Coimbra: Livraria Almedina, 2006.

WILLEMART, P. *A pequena letra em teoria literária: a literatura subvertendo as teorias de Freud, Lacan e Saussure*. São Paulo: Annablume, 1997.